



Pasmem:
preconceito racial
e ódio de classe
à sombra deste farol

Farol sem luz

Não há distância política e ideológica, já comprovada por pesquisas, entre os manifestantes paulistanos e os mineiros no dia 16 de agosto.

O mesmo perfil foi encontrado pela Universidade Federal da Bahia e a Universidade Católica de Salvador com aqueles que foram protestar, naquele dia, no Farol da Barra.

Um resumo da pesquisa mostra o seguinte:

- 59,5% consideram as cotas raciais um erro e o governo não deve acabar com elas;

- 61,1% acreditam, total ou totalmente, que “os nordestinos têm menos consciência política na hora de votar” do que os eleitores de outras regiões;

- 72,1% acreditam que as pessoas ajudadas por programas sociais, como o Bolsa Família, “ficam preguiçosas”;

- 66,8% julgam que os pobres são mais desinformados na tomada de decisões políticas.

- 52,6% disseram, total ou totalmente, que os militares devem tomar o poder no caso de “muita desordem”.

Um ajuste leviano

Pesquisa concluída recentemente pelo Ibope aponta: 64% da população apoia o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Para entender melhor a resposta, o instituto fez uma pergunta aberta sem sugerir prováveis motivos, como é tradicional nas sondagens.

O Ibope comprovou: a inflação, a recessão e o desemprego são os principais vilões.

Há uma grande surpresa nessa história.

Em nenhuma das 1,3 mil fichas, o total desse contingente de 64%, aparece a palavra “corrupção”.

Os danos do ajuste fiscal são os fantasmas da população.

Nesse caso, entre o interesse do cidadão e o da oposição há uma divergência abismal.

Lula resiste

Na simulação de uma eleição com segundo turno realizada hoje, os três candidatos tucanos bateriam Lula.

Aécio Neves faria 50% contra 30%; José Serra alcançaria 45% contra 35%;

e Geraldo Alckmin obteria 41% contra 37%.

Esses números sustentam um fenômeno político.

Mesmo sob a pesada tempestade do momento, o PT em processo de diluição e a crise econômica com Dilma no governo, Lula manteria cerca de 30% dos votos.

Um patamar eleitoral histórico dos petistas.

Reconstrução

Entrou em debate na cúpula da empreiteira Odebrecht a sucessão de Marcelo Odebrecht, CEO da empresa e, no momento, cumprindo prisão preventiva. Portanto, à disposição da Justiça por tempo indefinido.

Tudo vem sendo tratado com muito cuidado e máximo rigor.

Em 2009, a Odebrecht foi dividida em seis empresas independentes. É muito provável que o escolhido saia da direção de uma delas.

E deverá ser imune aos efeitos da Operação Lava Jato.

Céu e inferno

Julio Camargo, lobista distribuidor de propinas e delator na Operação Lava Jato, repassou 250 mil reais para a Assembleia de Deus, a pedido do deputado Eduardo Cunha.

Camargo sabia que a “doação” não abriria para ele a porta do céu.

Mas, em razão dela, não esperava transpor a porta do inferno.

Hoje descansa na cadeia.

A versão e o fato

Não durou muito a mentira propagada pela mídia de que o ex-presidente Lula chamava de “Paulinho” o então diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa, preso na Operação Lava Jato. Na acareação com o doleiro Alberto Youssef foi perguntado a Costa se Lula o tratava de “Paulinho”. Resposta curta e grossa: “Eu nunca estive com ele. É lenda”. Certos jornalistas operam com este princípio: “Se a versão é melhor que o fato, imprima-se a versão”. Essa lenda se explica assim.

mauriciodias@cartacapital.com.br